

Ordem pública e crise de trabalho

A ordem pública tem um culto feito de palavras. E na aparência grande e absorvente preocupação de todos os políticos que atingem o ponto culminante das suas ambições. Fala-se nela em todos os tons, desde o dos melodramas até ao dos elogios fúnebres. Compreende-se esse culto: uma agitação da rua bem conduzida pode afetar das poltronas ministeriais, duma só vez e em poucos dias, o grupo de ruminantes que nela se refastelava.

Dai o cuidado havido em evitar que a chamada ordem pública seja alterada. Dêse cuidado brotam as medidas com a mesma espontaneidade com que a água brota das nuvens do céu de inverno. E dessas medidas, das medidas tomadas para manter a ordem pública, resulta quase sempre, com um fatalismo verdadeiramente mussulmano—a alteração séria e profunda da ordem pública.

Que se faz, em via de regra, para manter a ordem pública? Pôr-lhe de sentinela uma esquadra de polícia. E não é preciso mais nada para que a ordem pública passe a pertencer ao domínio das fantasias e das especulações.

Para que exista ordem pública é necessário que a população trabalhadora não seja vilipendiada na sua moral, esmagada nos seus direitos e prejudicada nos seus interesses. Se isso não acontecer bem podem por todas as esquadras de prevenção e os esquadrões da G. N. R., prontos a sair ao primeiro alarme que a ordem pública transforma-se num artifício. Podem recorrer a medidas mais violentas e mais exageradas: prendam operários a esmo e encher, com eles, esses antros que são os pestíferos calabouços do governo civil. Todas essas medidas que são outras tantas iniquidades transformam a ordem pública numa desordem pública constante que pode

agravar-se até se transformar em lutas sangrentas. Nessas lutas o governo pode atingir a vitória, mas do sangue das vítimas resulta imponente e trágica a verdade do ditado latino, segundo o qual, sem sangue não há vitória. A situação ficará irremediavelmente condenada pelas violências a que deitou mão. E o caso de João Franco, e de todos os que têm emitido João Franco. Afonso Costa compreendeu tarde que os seus erros mais funestos foram os seus crimes contra a organização operária. O próprio António Maria da Silva ainda há pouco succumbiu, por não ter querido reconhecer que um governo que espalhe o terror, lava contra si mesmo a sua sentença de morte.

Existem, actualmente, latente em todo o país uma grande crise de trabalho. E essa crise que atirou, já, para a miséria dezenas de milhares de operários tende a agravar-se, como comprovam as asinificações dos nossos correspondentes da província. E essas dezenas de milhares de operários que pedem pão correspondem a dezenas de milhares de famílias que ficam condenadas à fome.

Tudo isto doloroso e negro cortejo de miséria alastra pelo país, e o côro das suas vozes vai, progressivamente, elevando-se. Um dia virá — um dia que já está próximo, que esse côro será de imprecações. A fome lança ao desespero — e esse desespero não pode ser afogado por tardias promessas, nem reduzido a um forçado silêncio pelos sabres da polícia.

Não será tempo dos chamados defensores da ordem pública que só vivem enquanto ela existir tomarem a decisão de se preocuparem com o problema da crise de trabalho? Se o não fizerem imediatamente semeiarão ventos e colherão tempestades. E a sementeira parece-nos que vai muito adiantada...

NOTAS & COMENTÁRIOS

Quero um chefe

A Informação prossegue na sua odiosa doutrinação do fascismo, pela pena do sr. Homem Cristo Filho. Ontem falava na necessidade de se encontrar um chefe e por pouco não inseria um anúncio que poderia ser concebido nestes termos: «Ditador, modelo Mussolini, precisa-se para chefiar um grande movimento nacional». Estamos certos que a continuar aquele insistente pedido de chefe, em vez de um muitos se apresentariam, porque na nossa terra não faltam, conforme o provaram os últimos acontecimentos.

Ontem e hoje

A propósito do incidente da filarmónica do Trovador que causou uma profunda emoção pelo facto do governador civil de Coimbra se ter curvado submissamente a todas as exigências humilhantes do bispo romano, o jornal a Ideia Nova recorda a maneira como os subditos de Roma eram tratados nos mais tradicionais tempos monárquicos.

«Refere a História que D. Afonso Henriques, ante a rebeldia dum bispo, sagrada bispo, por suas próprias mãos, ali na Sé Velha, o mozarabe Coleina, e, que Roma, mandara um delegado seu, lançar a excomunição, a esta linda cidade de Coimbra. D. Afonso Henriques o que fez? Rojou-se choroso e tremante ante o D. Cardeal, implorando perdão, chorando misericórdia? Nada disso, afirmando-lhe que de Roma nunca viera senão mal, deu-lhe as mãos brutas e felgadas, ao gaselete do enviado do Papa e obrigou-o a engulir a excomunição decretada».

Mais tarde, reinava em Portugal D. Sancho, outra excomunição era lançada sobre Coimbra. A Igreja recusara sepultura aos mortos e a peste desenvolveu-se povosamente. D. Sancho vai ali ao convento de Santa Cruz e impõe ao prior D. João Coelho, o enterro dos mortos. Ante a recusa deste, D. Sancho despoja-o das vestes episcopais, lança aos ombros a capa de asperges, cobre a cabeça com a mitra, e tendo na mão esquerda o báculo e na mão direita o húsopo, sagra-se a si próprio, «bispo de todas as Espanhas» e lança, assim, a absolvição aos mortos «aos quais dá sepultura nas cristas do convento».

Fios progressivos...

Os insaciáveis negociantes das «series recuperáveis» «senhas progressivas» e outros trucs com que arrancam o dinheiro das alheias dos papalvos, não podendo fazer o seu negócio em Lisboa resolveram invadir a província. Em Vila de Rei andaram intrujando meio mundo, mas variando o processo pois vendiam pedaços de linha recomendados por Nossa Senhora que ao cabo de três dias se transformariam em fios de ouro. Que tais, os malandras?!

O regabolo

Um cavalheiro que foi à custa do Estado, lá para as bandas de Londres acompanhar a comissão que foi tratar das dívidas de guerra escreveu para a sua terra, dizendo, com a despreocupada alegria própria dos que se divertem à nossa custa, que só contava regressar em Novembro. Uma comissão que foi por parte da França tratar a Londres do mesmo assunto só

lá se demorou uma semana, ao passo que a portuguesa, pelos vistos, não faz a coisa por menos de cinco meses.

E digam-nos agora que o Terreiro do Paço, em todas as situações políticas, não é uma mesa de permanente regabolo com talheres para os tubarões...

Em nome do Deus

Estão aparecendo em vários pontos do país vários santos dos mais categorizados da religião católica que predizem os acontecimentos, mais trágicos e mirabolantes. É claro que todos esses acontecimentos deixam de se produzir desde que os fiéis contribuem com uma quantia destinada a abrandar a cólera divina — o que dá a entender que o senhor do céu e da terra precisa de endieitar as suas finanças.

Alguns intuídos têm feito grandes extorsões à sombra destas ameaças divinas. As Novidades não protestam, o que não admira, visto que se trata de roubos e de chantagens feitos à sombra do nome de Deus.

A opinião dos comunistas franceses acerca da crise francesa

A propósito das dificuldades terríveis atravessadas recentemente pela França, o Congresso do Partido Comunista, realizado em Lille, dirigiu aos trabalhadores franceses um manifesto, no qual, depois de considerar os governos da burguesia incapazes de resolver satisfatoriamente a crise actual, exorta o proletariado a exigir a solução dessa crise por meio das seguintes medidas dirigidas contra o grande (I) capital:

- 1.º Consciência das fortunas.
 - 2.º Monopólio do comércio externo.
 - 3.º Nacionalização dos Bancos.
 - 4.º «Control» operário.
- Acrescenta ainda que estas medidas só serão susceptíveis de realização pelo esforço dum «governo operário e camponês», apoiado na ditadura do proletariado.

Está claro que se tal partido pretendesse, de facto, agitar as massas revolucionariamente nesta conjuntura, em vez de ladear a questão, e de apresentar os rodeios da constituição dum «governo operário», iniciaria o proletariado a proceder imediatamente à expropriação de todas as riquezas, ocupação das fábricas, e socialização integral dos meios de produção em benefício de toda a colectividade, sem estar à espera de ordens superiores de qualquer governo porque só por aquele meio se conseguiria de facto um termo à terrível situação em que se encontra actualmente o povo francês.

Não faz isso, porém, porque em tais circunstâncias, dispondo-se os trabalhadores a fazer por suas próprias mãos tudo quanto lhes diga respeito, apareceria com toda a sua nudez a nocividade e a inutilidade de todos os governos, ainda que apoiados na ditadura do proletariado, e os Cachin, Monmousseau, Semard, etc., não encontrariam então posto para darem expansão às suas ambições mesquinhas, à sua vaidade estulta e à sua paixão de mando. — A. S.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

UMA QUESTÃO MUNDIAL

A confissão de um português comprova a absoluta inocência de Sacco e Vanzetti

Boston, Junho. — A residência de Samuel Johnson, testemunha principal na acusação formulada contra Sacco e Vanzetti, indivíduo que se prestou a um papel que lhe foi ensaiado segundo a vontade dos juizes de Massachusetts, foi destruída totalmente por uma bomba de dinamite, na ocasião em que todos dormiam, mas ninguém ficou ferido, sequer.

O atentado surpreendeu toda a gente, e a polícia logo o atribuiu aos que ela apodera de extremistas anarquistas, fundamentando-se no protesto que de toda a parte se desencadeia contra a sentença que ameaça Sacco e Vanzetti.

O atentado, porém, faz parte de um complicado trama da polícia para inutilizar o protesto que se ergue sonoramente em todos os países. A célebre miss Williams tem a sua casa guardada pela polícia, pretextando-se o receio de outro atentado. Assim se continua representando a farça terrorista engendrada pela polícia em benefício do capitalismo. O plano da canalha deixa-se revelar de tal modo que depressa se descortinam os ensaístas. Procura-se qualquer coisa que justifique um assassinato legal, recorrendo-se para isso aos mercenários do crime. Sempre que a polícia executa um plano terrorista, fala muito no terrorismo anarquista. A verdade é que o terrorismo anarquista tem sido apenas a maior campanha de agitação e solidariedade efectuada nos últimos tempos.

Nos países americanos, essa campanha tem sido intensíssima, não sem que, como na Argentina, violentos conflitos com a polícia, que pretende reprimir a agitação, se tenham travado. Da Europa chegam todos os dias inúmeros protestos, o que mostra quanto a campanha se tornou internacional. Nos Estados Unidos sucedem-se os comícios e as manifestações de protesto, contando-se por dezenas de milhares os documentos de toda a espécie enviados pelas organizações operárias, às autoridades e à magistratura de Massachusetts.

Na América do Sul, segundo informes de imprensa, têm-se produzido numerosas greves de protesto contra a condenação infamante dos dois operários, e raramente essas greves decorrem em tranquilidade.

O formoso e vibrante apelo do socialista Eugénio V. Debs — do qual vos envio um exemplar (vide A Batalha, de domingo último) — foi reproduzido em mais de 300.000 exemplares na língua inglesa e centenas de milhares em várias outras línguas. Toda a imprensa sindicalista e revolucionária dos Estados Unidos e de inúmeros países americanos e europeus, vem reproduzindo integralmente o soberbo documento.

Os advogados de defesa já conseguiram novo adiamento na execução de tão bárbara e injusta sentença. Apresentaram eles uma nova prova da inocência de Sacco e Vanzetti. Os advogados têm-se recusado a tornar público em que consiste a nova prova, que tamanha sensação está causando.

Mas sabe-se já no que se fundamenta essa prova. É uma confissão escrita, e devidamente reconhecida e autenticada, do português Celestino Medeiros, condenado à morte por ter assassinado o empregado de um banco em Wretham, o qual declara ser ele quem matou e roubou, em companhia de

O 14 DE JULHO EM PARIS

Reportagem das manifestações operárias, através da imprensa parisiense

As manifestações operárias de oposição às comemorações da burguesia, no dia 14 de Julho, tiveram uma importância igual ao aparato militar, policial e... civil. A imprensa burguesa não pôde deixar de fazer o relato das manifestações operárias, embora contra os operários dissesse altisonante indignação, em colunas cerradas.

É a imprensa burguesa, aos jornais que livremente circulam em Paris e nos países estrangeiros — incluindo Portugal — que vamos buscar os informes seguintes.

Nunca se viu um serviço policial tão apertado e rigoroso. Os guardas de polícia, através do longo itinerário marcado para o desfile das tropas, formavam compactas barreiras, a fim de impedir todo o contacto popular com soldados. Os oficiais da polícia reúnem-se em pontos centrais da cidade, prontos a correr ao menor sinal de agitação, e quando se produziu o menor incidente, a multidão, ao contrário dos seus hábitos, não ululava, guardava impressionante silêncio, observando atentamente as medidas de precaução.

O programa das festas foi largamente modificado. Primo de Rivera e os seus oficiais, em vez de desfilar pelas avenidas, desviaram-se pelos cas do Sena. O presidente Doumergue devia encontrar-se com o sultão Moulay Gusef na rua Francisco I; mas este «soberano» foi metido num automóvel e conduzido a toda a velocidade para a sua tribuna, na praça da Estrela. Entretanto, a multidão aguardava...

Finalmente, sem terem passado, em primeiro lugar, como se noticiara, os «hóspedes» da França, surgem as primeiras baionetas. Os manifestantes iludem-se e soltam gritos hostis à guerra, a Primo de Rivera, aos generais, ao mesmo tempo aclamando os soldados. Um momento, as manifestações se detêm; é quando das janelas de um prédio suíço, vários indivíduos, bem vestidos, atiram à rua inúmeros papéis com as cores da bandeira francesa. São reclames ao lícor Cinzano, ao lícor Lion Noir, ao lícor Claquasim, aperitivos patrióticos.

A passagem dos membros do governo, que o sultão de Marrocos e seus dignitários acompanhavam, um grupo numeroso de operários então a Internacional, procurando dominar os acordes musicais da Marselhesa. As bandeiras eram alassadas ou acolhidas com clamorosos gritos de protesto. Alguns cidadãos, usando dos seus direitos constitucionais, censuram asperamente os manifestantes, apodando-os de

O ensino religioso nas escolas é um atentado contra os direitos da criança

A actual situação política porque é política — apenas tem favorecido as chamadas classes conservadoras. Legisla-se e age-se pensando nelas. De contrário não teria havido tanta pressa em redigir uma lei de imprensa feroz e injusta, nem se teria publicado o decreto sobre a personalidade jurídica da Igreja.

Esse decreto concede à Igreja católica privilégios que nenhuma outra possui e tira ao Estado aquela linha de imparcialidade simpática que deve manter perante os credos de cada um.

A liberdade de ensino católico é um favoritismo de que mais nenhum credo religioso gosa em Portugal. Entendemos que a religião não se deve ensinar às crianças. Deixe-se o cérebro do indivíduo desenvolver-se sem peias até que em adulto possa tomar a religião que quiser, se quiser.

A escola deve ser neutra em matéria religiosa. E um pai por ser pai não tem o direito de impor a seu filho ideias preconcebidas que só uma consciência em plena liberdade pode abranger.

Deve, portanto, a escola limitar-se ao ensino de coisas concretas de carácter científico e dar à criança aquelas noções do Bem que estando em todas as religiões não são pertença de nenhuma mas da própria humanidade que as concebeu.

Partidários da liberdade parece um paradoxo que não defendamos a liberdade de ensino religioso. Mas nós não podemos defender a liberdade de os adultos embrutecerem as crianças. A liberdade do adulto

cessa onde principia a da criança. A nossa atitude de defesa da infância não é meramente retórica. Atribuímos-lhe uma importância social sem limites. Defendendo a infância defendemos o futuro que desejamos melhor, mais livre e mais perfeito.

Não nos acusar os nossos filhos de não termos lutado na medida do possível por lhes deixarmos uma herança social que lhes facilite a existência. Uma mentalidade nova quer desabrochar, florir na nossa época. Temos obrigação de cultivá-la para que as gerações futuras possam colher os doces frutos.

A igreja católica vem exercendo uma política de infiltração que põe em perigo, que ameaça fortemente o futuro sonhado por todos os idealistas amantes da Liberdade e do Progresso. As conquistas que ela alcançou com o decreto que lhe reconheceu a capacidade jurídica são um grande passo dado no sentido daquelas realizações que em breve se tornarão num pesadelo para todas as consciências livres.

Corre-se o risco de dentro de algum tempo não poder quem tiver filhos dar-lhes educação sã, fora de preconceitos velhos e absurdos.

Urge reagir contra este estado de coisas, demonstrando pela palavra e pela acção que ele só pode gerar na sociedade portuguesa uma mentalidade mais baixa e mais atrasada do que a dos povos bárbaros da África.

E os primeiros a reagir devem ser os homens cultos que pensam livremente.

CARTA DO PORTO

Porque não evita o governo que um menino integralista se recolha a uma dolorosa expectativa?...

O principal fascista que «amealmente» escreve no órgão integralista da Avenida dos Aliados, confessa-se preocupado, inquieto, desanimado, pela marcha imprecisa e sinuosa que a política militar está levando...

Tem muita pena pelo sr. general Gomes da Costa, o grande chefe, se ter fundido nas profundezas dos Açores; tem muita consideração pelos novos chefes dos novos acontecimentos. Não pode, contudo, deixar de extranhar que estes, como aquele, sejam misteriosamente e mais misteriosamente ainda prometam coisas e coisas...

Para o escritor mussoliniano do jornal de Notícias, não bastam as boas intenções dos generais Sinel de Cordes e Carmona. Isso é muitíssimo pouco para que a bitola do sr. João possa amedidamente medir integridades de todo o jaez.

Moralizar a administração pública, realizar economias, dignificar o exército, são medidas insuficientíssimas próprias de um programa mesquinho que não merecia a comédia de um terceiro golpe de Estado. O que era indispensável, era a «urgente, imperiosa e fundamental reorganização política» à moda daquela defendida por aquele impagável Sardinha, que Deus o cubra de glórias nos altíssimos céus, em paga da aqueles momentos jocosos que nos fez passar na terra com as suas desequilibradas teorias...

O sr. Carmona permitiu-se fazer declarações de paradoxais liberalismos; permitiu-se, paradoxalmente também, afirmar que não se trata da questão do regime, não corre a República qualquer perigo iminente. Pelo contrário: cuida-se de sanear o sistema republicano, limpando-o dos miasmas que o têm empestado...

Foram precisamente estas impolíticas afirmações que levaram o articulista fascista — ou farcista? — a recolher-se no doloroso aprisco da expectativa...

Não era isso o que se esperava do sr. Carmona e Sinel de Cordes. Tendo intimos sentimentos de ultramontanismo arraigado, o que deviam fazer, mais do que o que já está, era apagar, com a esponja miguélica do tradicionalismo, esses «cem anos de calamitosa e louca mitologia liberalista-democrática» que «atiraram a civilização ocidental, católica e tradicionalista, para uma crise formidável, que a coloca à mercê de todas as ameaças e à beira de todos os abismos»...

Impunha-se, para o queridíssimo admirador dos milagres de Fátima, a proclamação imediata da Monarquia, não daquela monarquia preconizada pelo vendedor de cautelas rigidamente sentado no dorso do cavalo da praça Nova, do Porto — como os nossos amáveis integralistas apelidam D. Pedro IV — mas a Monarquia absoluta restauradora do Santo Ofício da Inquisição...

Em louvor da Tradição e da Civilização ocidental do catolicismo, torna-se urgente, imperioso, fundamental, novamente promulgar, além das 89 proposições do Syllabus, as bulas famosas de Bonifácio VIII, de Paulo IV, Gregório XI e XII e Pio V — pelas quais a Igreja volte aos seus velhos tempos do indiscutível direito de supremacia sobre o Estado, interferindo em todas as manifestações da sua vida política e administrativa, protegendo ou perseguindo, admitindo ou dispensando, absolvendo ou condenando, cobrando impostos, impondo penalidades, fulminando, enfim, em tudo e em todos...

Que apareça a imbecilidade sangrenta de um Carlos Magno a impor: «A Igreja tem o direito de impor ao Estado o uso da força contra os inimigos domésticos e estrangeiros a ela».

Em nome da unidade moral tradicionalista, deve-se perseguir as ciências médicas e astronómicas como sendo revolucionárias e heréticas — e ao mesmo tempo prosseguir-se na guerra dos trinta anos entre os estados europeus católicos, como base moral da tal unidade e como repúdio da paz de Westfália que foi fulminantemente excomungada pelo papa inocente X — o mesmo que, como o seu antecessor, Urbano VIII, e o seu sucessor, Alexandre VII, humilhou, escarneceu, desprezou, D. João IV, a pesar de vergonhosamente ter colocado Portugal numa situação da mais reles subversividade perante a perversidade e o relaxo da Curia Romana...

Deve surgir o medieval direito de asilo, isto é, de refúgio nas igrejas dos mais requintados criminosos — menos aqueles que sejam suspeitos de heresia: *Suspectus de fide non gaudet immunitate Ecclesiae, potest que ab Inquisitoribus apprehendi et puniri*.

Mas os sodomitas, em homenagem a alguns papas invertidos, esses devem estar abrangidos no direito de asilo...

É preciso que o sr. Carmona restaure esse tribunal a que chamaram *Sagrada Consulta*, de Gregório XVI, para que os delinquentes políticos não tenham qualquer direito de confrontação com as testemunhas e de livre escolha do seu advogado, para que sejam julgados à porta fechada e consoante os apetites dos juizes *santo-oficiais* que não lhes dão a regalia do recurso...

Impõe-se que o clericalismo atinja tamanho desenvolvimento que se torne preciso a santa Hildegarda dizer:

«A Igreja inteira jáz infamada e sem seiva, nas mãos deles» — os pontífices. «Querem conquistar os impérios da terra; mas os povos levantar-se-ão não contra eles, contra o clero ébrio de riquezas e luxúria e não de força-lá a conta justa dos bens que deve possuir. Os homens não de abater a grandeza desses papas que já não têm nas veias uma gota sequer de religião».

O general sr. Carmona, para satisfazer a civilização tradicionalista do catolicismo ocidental, deve refundir a nossa política a um tal estado de bródo fanático, que seja necessário Gregório Magno afirmar: «A santa igreja, enquanto vive esta vida de corrupção, não cessa de chorar as vicissitudes porque passa»; que seja necessário Salvierno declarar: «...Na própria Igreja, considerada como formando este corpo que deveria ser destinado a apaziguar a cólera de Deus, ai de mim! só se vêem reinar desordens capazes de irritar o Altíssimo... Este corpo que na verdade deveria ser tão santo, é composto por pessoas dominadas ou pelo amor do vinho ou pelo da boa carne. Não são mais do que adulteros, devassos, delapidadores da fortuna alheia, homicidas, pessoas vencidas pela paixão do jogo, sem que o império destes vícios deixe o menor intervalo à piedade»; que seja indispensável o bispo de Minorca, André, garantir que os crimes, os pecados e os escândalos aumentaram a tal ponto, principalmente entre os eclesiásticos que, conforme a palavra do profeta, já a maldição da mentira e do roubo, do adultério e da simonia, do assassinato e de mil outros crimes, inundou a terra... A cupidité e a sede do poder, a vida infame e abominável dos

UMA SCENA ESCANDALOSA NA RUA AUREA

Ontem, pelas 18 horas, na rua Aurea deu-se uma scena escandalosa que provocou a curiosidade dos transeantes.

Um cavalheiro invectivava outro, alegando sentir-se vigiarado em qualquer negocio.

Soubemos depois, que se tratava dos srs. Antonio Flores e de Jose Domingos Barreiros. Este ultimo fugiu a indignação do primeiro que depois, ante varias pessoas, explicou o caso.

O sr. Antonio Flores por morte de seu pai herdou um predio que em 1921 havia sido comprado pelo falecido a Empresa Commercial e Industrial, Limitada. Rezava da escritura de venda que o predio estava completamente livre de qualquer encargo.

O sr. Antonio Flores verificou agora que ao contrario do que rezava a escritura o predio tinha encargos que subiam a cerca de seis mil e quinhentos escudos que não se encontraram cancelados na respectiva conservatoria. Encontrando por casualidade na rua Aurea o sr. Jose Domingos Barreiros, principal socio da firma Jose Domingos Barreiros, Limitada e da empresa vendedora do predio, pediu-lhe explicações sobre o extranho facto. Respondeu-lhe este que não estava para attual-lo, nem estava para se preocupar com o assunto.

Verificando que estava sendo enganado, o sr. Antonio Flores indignou-se, motivo porque se deu a scena que acima descrevemos.

Este sr. Jose Domingos Barreiros é criatura conhecida pelos seus processos sinuosos de negociar, pelos quais, ao parece, conseguiu a grande fortuna de que hoje dispõe.

Uma desumanidade revoltante

Na cadeia de Monsanto encontra-se o operario manipulado de pao Antonio Jose de Almeida. Está gravemente atacado pela tuberculose, deitando sangue pela boca, todos os dias. Como quer que um preso tivesse, por decisão propria, dado a sua pena por cumprida, no hospital do Rego, ao operario enfermo e recusado sistematicamente a transferencia para um hospital. Nem mesmo na cadeia é dispensada ao enfermo a necessaria assistencia medica e sanitaria, andando o pobre Almeida morrendo a mingua de socorros! E' revoltante a desumanidade que se está praticando para com este homem, a quem se nega "um direito natural, concedido em toda a parte e a toda a gente. Exigir-se a hospitalização do enfermo é respeitar os mais humanos direitos!"

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diario do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 450.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-ha um abastecimento de 50 p. cento em pacotes de 50 folhetos.

pedidos a administração de B. BATHINI

A AGUA EM LISBOA

Recebemos a seguinte nota officiosa: A direcção geral de saúde, perante as asserções infundadas e até contraditórias produzidas em publico sobre o tratamento aplicado ás aguas de abastecimento de Lisboa, mais uma vez assevera a inocuidade da agua assim tratada, incapaz por toda a ordem de razões de causar o menor perigo á saúde publica e, como erros se divulgaram sobre os processos utilizados, comunica por este meio, ás pessoas de carácter profissional ou tecnico e com recta intenção de se esclarecerem em consciencia sobre a regularidade e execução do que se faz, que têm á sua disposição—como sempre teriam tido, se o pedissem, desde que, segundo se annunciou nos jornais, o sistema entrou regularmente em função—os documentos e registos das operações de cloragem e seus resultados, assim como as normas e regras para a execução e fiscalização do método empregado, que lhes serão ministradas todos os dias, ao meio dia no Instituto Central de Higiene, informações a que poderão seguir-se as visitas que requisitem em dia e hora apropriados.

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

VISITA DE ESTUDO

Os socios da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, visitarão ontem a fabrica de malhas da firma Joaquim Costa, Lda. Começou a visita pelo amplo salão de vendas, escritórios e armazéns, passando-se á fabrica, instalada em dois amplos e confortáveis pavimentos, cujos maquinismos foram postos em circulação, deixando todos bem impressionados.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete francês "Asia" são hoje expedidas malas postais para Ponta Delgada, Horta e New-York, sendo da caixa geral a ultima tiragem de correspondência ás 9 horas.

Por via Marselha, também se expedem malas do correio para a India Portuguesa e Macau, efectuando-se a ultima tiragem ás 11.30.

Collesiásticos, são a causa de todas as desgraças da Cristandade!...

E' para esta urgente, imperiosa e fundamental reorganização politica dos inconstitutos de D. Pedro II, que pedem a Sisto IV, dos Alexandre VI e César Borgia, bandidos, devassos, rapinantes que transformaram o palacio apostolico em lupanar de prostitutas honestas—que o nosso fascista que escreve no organo da Avenida dos Aliados pretende que o general Carmona nos precipite quanto antes...

E enquanto assim não acontecer, o homem está arreluíado, preocupado, inquieto, desanimado numa dolorosa expectativa...
Miguelito!

SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes dos Alvaides marca «AIVOTA» e únicos depositários de
No Porto—Sociedade Produtos Químicos, Lda—R. 51 de Janeiro, 171, 1.
Lhas—JOSE GOMES FERREIRA FUNCHAL

O novo governo francês

E' o sr. Herriot quem o vai formar
PARIS, 19.—O sr. Herriot aceitou o encargo de formar governo.

O partido socialista recusou-se a participar do novo ministério, prometendo apenas um eventual apoio a um gabinete Herriot.—(L.)

A crise e o franco

PARIS, 19.—Em consequência da crise ministerial, o franco teve hoje uma nova baixa, cotando-se esta manhã a libra a 231 francos.—(L.)

As combinações de Herriot

PARIS, 19.—Segundo o Petit Journal, as directivas principais da combinação Herriot serão estas: concessão do governo de facilidades de execução, sem todavia se atentar contra os direitos do Parlamento, e um sacrificio nacional em vez da abertura de créditos externos. L'Ouvre opina que, sob a etiqueta Herriot, é impossível admitir outra combinação que não seja a das forças democráticas vitoriosas em 11 de maio. Outros jornais afirmam que no Senado lavra um vivo descontentamento pela altitude da Câmara. Outros ainda, notam que no decurso da reunião de ontem dos radicais socialistas, alguns deles censuraram a attitude de Herriot no debate de sábado, e que na reunião da comissão administrativa do Partido socialista dois dos delegados chegaram a vias de facto.—(H.)

Alta as demarches de Herriot

PARIS, 19.—O sr. Herriot viu recusada a sua oferta de colaboração aos socialistas, com o seu plano financeiro comportando a contribuição voluntária sobre todas as espécies de fortuna, em virtude dos delegados do S. F. I. O. terem reclamado as pastas das finanças e da guerra, pelo que ficaram excluídas da provável combinação ministerial, mantendo a sua independência.

L'Ouvre diz que sob a direcção do sr. Herriot é impossível obter combinação diferente do cartel de 11 de maio.—(L.)

O ministério será radical

PARIS, 19.—O sr. Herriot não encontrou junto dos partidos moderados o concurso com que contava para um gabinete de concentração.

Desejando em absoluto organizar gabinete, o sr. Herriot pretende agora formar ministério com elementos da esquerda.

Nestas condições os socialistas prometem o seu concurso com a condição do ministério aplicar o seu programa financeiro.

O sr. Herriot que é adversário dos créditos externos, pedirá os recursos de que necessita o país a uma contribuição excepcional sobre as fortunas adquiridas.—(L.)

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

TEATRO AVENIDA

A SENSACIONAL PEÇA

Hoje, ás 21.30
O Dr. da Mula Ruça
12 números de musica 12
Orquestra Jazz-Band

A BATALHA

Realizou-se no domingo, na Escola Central n.º 11 a festa anual do encerramento dos trabalhos escolares do corrente ano.

Presidiu à sessão solene o sr. Ulisses Machado e usaram da palavra os srs. Antonio dos Santos Tenreiro, Manuel Subtil, Silva Córvo e Antonio Abrantes referindo-se todos aos resultados obtidos no ano lido e à dedicação e amor dos professores pelos seus alunos.

O oratório da escola sob a direcção do professor Manuel Subtil executou o seguinte programa que foi muito aplaudido pela assistência:

A "Filha da moleira", "Abelhas", "Dormindo", "Ecos de Vale do Pêso", "Amen-doçiras", "Terra bendita", "Manhã de Abril", "Orfãos" e "Cair da tarde".

Executaram-se também alguns números de gymnastica sueca sob a direcção do director da escola sr. Antonio dos Santos Tenreiro. Depois procedeu-se á distribuição dos diplomas aos alunos que passaram da 4.ª para a 5.ª classe e dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano.

Por iniciativa do Grupo de Escolas Municipais foram inaugurados os retratos dos srs. Magalhães Peixoto e Capelo de Carvalho.

A festa terminou pela distribuição dum pequeno lanche aos alunos.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$40
A peste religiosa... \$30
A Liberdade... \$30
A Internacional (musica e letra)... \$30
Pedidos a A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

A água de Andaluz

Fez há dias um ano que teve lugar um justo e activo protesto do povo de Lisboa contra o facto de se pretender tirar a água do chariz de Andaluz, que há mais de quinhentos anos ali corre, livremente e que com o seu uso muitas pessoas se têm dado bem.

Da solicitude com que o presidente da Junta de Freguesia do Camões, então presidente para que da água o povo fosse privado, mostrou a evidencia que a tal campanha somente agradou, aos pretensos concessionários que viram naquela agua um grande negocio perdido. Bem fez a Câmara Municipal, não autorizando esse negocio e melhor fez o povo usando das suas energias para que aquella agua continuasse a correr ali livremente.

E a comissão nomeada pelo povo de Lisboa naquelle importante comicio não tem abandonado o mandato que lhe foi confiado, e procura conseguir os necessários melhoramentos, para que esta agua seja cercada dos indispensáveis cuidados higienicos.

Depois da limpeza perfeita do poço da nascente que ficará hermeticamente fechado, está-se procedendo agora aos trabalhos do prolongamento da galeria no solo onde será assente a nova canalização de ferro galvanizado, que a comissão adquiriu com o produto da subscrição public, procedendo-se depois á construção dum novo chariz e á arandagem do largo do Andaluz.

Concluídos esses melhoramentos ficam á espera de a energia do povo de Lisboa na defesa de uma secular regalia que um presidente da Junta e outros interessados lhe pretendiam cercar.

O que parece é que esta agua também serviu para lavar a politica e outras ambições em jogo...

Trindade

HOJE

Telef. T. 976
A's 9 h 14
Em recita dedicada ao actor-empresário

ERICO BRAGA

Estreia de bluffe: "POMADA AMOR"
Original do festejado e de Aveiro de Sousa, musica da por Alves Coelho, dividida em 1 prólogo e 4 quadros. A esta sensacional recita presta o seu concurso a grande artista

LUCINDA SIMÕES

O espectáculo começa pela fantástica comedia
O Patriota

ASSINEM Os mistérios do Povo

DESPORTOS

Ciclismo

PARIS, 19.—Foi ontem tornada pública a classificação da volta ciclista da França, achando-se á cabeça o corredor belga Lucien Buysse, em segundo lugar Lussem Burghes e Frantz e em terceiro o italiano Ayano.—(L.)

Futebol

STOCOLMO, 19.—No encontro internacional de futebol, realizado nesta cidade, o grupo sueco bateu o grupo italiano por 5 a 3.—(L.)

A VENDA A 10.ª SÉRIE

Interessante romance histórico profusamente illustrado desde as primeiras idades do homem até á revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.
A obra mais barata que no género se publica

A vaga de calor

BERLIM, 19.—Em toda a Europa central e do sul continua a fazer-se sentir grande calor.

Esta manhã em Berlim registaram-se 24 graus centígrados.—(L.)

OS QUE MORREM

Emilia Pires Valério
No hospital Estefânia faleceu ontem, pelas 11 horas, Emilia Pires Valério.

O seu funeral realizou-se hoje, saindo do referido hospital, pelas 15 horas, para o cemitério oriental.

Uma festa escolar

Realizou-se no domingo, na Escola Central n.º 11 a festa anual do encerramento dos trabalhos escolares do corrente ano.

Presidiu à sessão solene o sr. Ulisses Machado e usaram da palavra os srs. Antonio dos Santos Tenreiro, Manuel Subtil, Silva Córvo e Antonio Abrantes referindo-se todos aos resultados obtidos no ano lido e à dedicação e amor dos professores pelos seus alunos.

O oratório da escola sob a direcção do professor Manuel Subtil executou o seguinte programa que foi muito aplaudido pela assistência:

A "Filha da moleira", "Abelhas", "Dormindo", "Ecos de Vale do Pêso", "Amen-doçiras", "Terra bendita", "Manhã de Abril", "Orfãos" e "Cair da tarde".

Executaram-se também alguns números de gymnastica sueca sob a direcção do director da escola sr. Antonio dos Santos Tenreiro. Depois procedeu-se á distribuição dos diplomas aos alunos que passaram da 4.ª para a 5.ª classe e dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano.

Por iniciativa do Grupo de Escolas Municipais foram inaugurados os retratos dos srs. Magalhães Peixoto e Capelo de Carvalho.

A festa terminou pela distribuição dum pequeno lanche aos alunos.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$40
A peste religiosa... \$30
A Liberdade... \$30
A Internacional (musica e letra)... \$30
Pedidos a A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

A água de Andaluz

Fez há dias um ano que teve lugar um justo e activo protesto do povo de Lisboa contra o facto de se pretender tirar a água do chariz de Andaluz, que há mais de quinhentos anos ali corre, livremente e que com o seu uso muitas pessoas se têm dado bem.

Da solicitude com que o presidente da Junta de Freguesia do Camões, então presidente para que da água o povo fosse privado, mostrou a evidencia que a tal campanha somente agradou, aos pretensos concessionários que viram naquela agua um grande negocio perdido. Bem fez a Câmara Municipal, não autorizando esse negocio e melhor fez o povo usando das suas energias para que aquella agua continuasse a correr ali livremente.

E a comissão nomeada pelo povo de Lisboa naquelle importante comicio não tem abandonado o mandato que lhe foi confiado, e procura conseguir os necessários melhoramentos, para que esta agua seja cercada dos indispensáveis cuidados higienicos.

Depois da limpeza perfeita do poço da nascente que ficará hermeticamente fechado, está-se procedendo agora aos trabalhos do prolongamento da galeria no solo onde será assente a nova canalização de ferro galvanizado, que a comissão adquiriu com o produto da subscrição public, procedendo-se depois á construção dum novo chariz e á arandagem do largo do Andaluz.

Concluídos esses melhoramentos ficam á espera de a energia do povo de Lisboa na defesa de uma secular regalia que um presidente da Junta e outros interessados lhe pretendiam cercar.

O que parece é que esta agua também serviu para lavar a politica e outras ambições em jogo...

Trindade

HOJE

Telef. T. 976
A's 9 h 14
Em recita dedicada ao actor-empresário

ERICO BRAGA

Estreia de bluffe: "POMADA AMOR"
Original do festejado e de Aveiro de Sousa, musica da por Alves Coelho, dividida em 1 prólogo e 4 quadros. A esta sensacional recita presta o seu concurso a grande artista

LUCINDA SIMÕES

O espectáculo começa pela fantástica comedia
O Patriota

ASSINEM Os mistérios do Povo

DESPORTOS

Ciclismo

PARIS, 19.—Foi ontem tornada pública a classificação da volta ciclista da França, achando-se á cabeça o corredor belga Lucien Buysse, em segundo lugar Lussem Burghes e Frantz e em terceiro o italiano Ayano.—(L.)

Futebol

STOCOLMO, 19.—No encontro internacional de futebol, realizado nesta cidade, o grupo sueco bateu o grupo italiano por 5 a 3.—(L.)

A VENDA A 10.ª SÉRIE

Interessante romance histórico profusamente illustrado desde as primeiras idades do homem até á revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.
A obra mais barata que no género se publica

A vaga de calor

BERLIM, 19.—Em toda a Europa central e do sul continua a fazer-se sentir grande calor.

Esta manhã em Berlim registaram-se 24 graus centígrados.—(L.)

OS QUE MORREM

Emilia Pires Valério
No hospital Estefânia faleceu ontem, pelas 11 horas, Emilia Pires Valério.

O seu funeral realizou-se hoje, saindo do referido hospital, pelas 15 horas, para o cemitério oriental.

'A Batalha' na provincia e arradoras

Fuzeta

Desastre com arma de fogo

FUZETA, 16.—Ontem, pelas 16 horas, deu-se um desastre bem lamentável, com uma pistola, de que resultou ficar o proprio que a possuía com a mão perfurada com um tiro. O menor de 14 anos, João de Passos, filho do sr. João de Passos, proprietário e negociante de gado lanigero, quando ia guardar a arma, esta caiu no chão disparando-se. O ferido percorreu todas as farmácias não tendo sido socorrido pelos respectivos farmaceuticos por se declararem incompetentes para proceder á extracção da bala. Em face disto o Passos foi levado a Olhão, onde foi operado pelo sr. Dr. Luis Bernardino da Silva.

Mais uma fantochada religiosa

Por ser hoje para os cristãos e beatos dia da Senhora do Carmo vão estes fazer mais uma fantochada, mas desta vez não vêm os "pequenos" para a rua por terem ficado envergoados com os mais resultados da outra fantochada. Farão coro os meninos da "élite".

Póvoa de Varzim

Um manifesto sobre a situação

POVOA DE VARZIM, 16.—O Sindicato dos Operários Alfaiates e Costureiros editou e fez espalhar entre a população desta vila um manifesto expondo as características do actual momento politico e fazendo sentir aos trabalhadores em geral a necessidade de se unirem fortemente dentro dos seus sindicatos para defenderem as suas regalias conquistadas, visto todas as manifestações dos senhores da situação serem de molde a pôrem os trabalhadores de sobre-aviso para poderem enfrentar qualquer surpresa desagradavel.

Caldas

O predomínio monárquico

CALDAS, 17.—Tem causado grande sensação a reintegração do trailliteiro Melo na Administração e a conservação na Câmara Municipal da mesma gente que para lá entrou em virtude dum conluio vergonhoso de monárquicos com democraticos—democraticos que são quasi monárquicos.

A gente que o sr. administrador vai permitir que continue á frente dos negocios do municipio tem, de facto, gasto sem conta, peso nem medida em coisas pelo menos dispendiosas. Arrebicou a fachada da Câmara, comprou tinteiros a 600 e mais escudos cada um; adquiriu ricas poltronas, alindou a sala das sessões. Em compensação as estradas estão numa miséria, tendendo-se de effectuar um empréstimo (de que aliás consta que já foi desviada uma parte para pagamento de dividas) a fim-de as reparar.

A porcaria está á bem patente por todas as ruas da vila, por onde até á carroça do lixo transporta alguma a altas horas do dia. Esta é a síntese da obra dos monárquicos, que o sr. administrador vai permitir que continuem á frente do municipio.

TEATRO APOLO

A CASA DE SUZANA

HOJE
A mais divertida e monumental comedia
Sucesso notável em Paris no teatro Palais Royal

Nos principais papeis os artistas:
Trene Gomes, Nelly Nelly, João de Passos, Arthur Rodrigues, Helder Ribeiro, Elvira Velez e Lino Ribeiro

Encenação do professor HUGO DE MELO
SCENARIOS NOVOS
Excentrico e artistico Jazz-Band

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de Novela Social, encontrando-se á venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Jardim-Escola João de Deus

Começaram ontem, 19 do corrente, a realizar-se as provas de aproveitamento dos alunos deste Jardim-Escola, na Avenida Pedro Alvares Cabral (4 Esqrela).

Hoje é a conclusão dessas provas de que se esperam optimos resultados.

A entrada é publica.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»
Esta publicação em lingua espanhola que se encontra á venda na nossa administração, é o relato historico, documental e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 páginas, 10; pelo correio, registado, 105.

Estão publicados os seguintes fasciculos:
1.ª—La era de la esclavitud;
2.ª—La rebelión de Espartaco;
3.ª—Abolición de la esclavitud;
4.ª—Abyección y Servidumbre;
5.ª—La revolución de los siervos;
6.ª—La miseria de los agricultores;
7.ª—Transformación del Poder Feudal;
8.ª—El comunismo cristiano;
9.ª—Los miserables en la Edad Média;
10.ª—La libertad ilusoria;

11.ª—La agonia del absolutismo;
12.ª—El trabajo motor universal;
13.ª—El imperio de la goliathina;
14.ª—Las ideas sociales y la revolución francesa.

AGREMIÇÕES VARIAS

Liga educativa «Os perseverantes»
—Para assumto muito importante, reúne amanhã, pelas 19 horas em ponto a assembléa geral.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Escola de Arte de Representar

Concurso de alunos

Para a distribuição de prêmios realizou-se no Nacional mais uma audição gratuita da Escola de Arte de Representar. Foram provas práticas e concurso a prêmios. Para isso fez-se a representação do 3.º acto da «Tosca» e do 1.º acto da «Morgandina de Vallora». Os alunos premiados foram Assis Pacheco e Fernanda Varela, na primeira o papel da prova era o de Barão de Scarpi desempenhado por Assis Pacheco e no segundo o papel de D. Leonor Coutinho por Fernanda Varela.

Assis Pacheco é um rapaz de talento, estudioso e que não se cansa de se aperfeiçoar cada vez mais. O «Barão de Scarpi» encontrou nele uma apresentação e direcção esmerada, talvez até esmerada de mais, um tanto preciosista. Fernanda Varela esteve fora da sua vocação. Deu com dificuldade «D. Leonor Coutinho» e se não sacrificou a sua vocação aos olhos dos que têm acompanhado os seus progressos contrariou as suas tendências dramaticas, fazendo um papel que não é nada o seu genero. Quem a viu na «Salomé», numa das anteriores audições não diria que era a mesma.

Os prêmios couberam o de 1.ª categoria a Silva Assis e o immediato a Fernanda Varela.

Nogueira de BRITO

No Nacional

Companhia Alexandre Azevedo e Ilda Stichini, a peça «Os Filhos»

Alexandre de Azevedo e Ilda Stichini formaram uma companhia de declamação que actualmente expl

— Ainda há pouco, João de Witt parecia confiar no bom resultado do processo contra o irmão... Eu não ousei falar-lhe dos terrores a que esta manhã vos referistes.

Serdan interrompeu-se e João de Witt disse tranquilamente ao sr. de Tilly:

— Perdoai a minha fraquesa de ainda agora, meu amigo... mas há golpes imprevistos que nos surpreendem e desesperam... Graças a Deus, meu irmão está vivo!... Falei, que estou pronto a ouvir-vos.

— Ainda esta manhã estava eu persuadido, como vós, do nenhum valor da acusação feita contra Cornelio, quando me encontrei com um oficial da milícia burguesa de guarda a prisão. Ele, que é dos nossos, afirmou-me que a exasperação contra vós, contra o vosso irmão e contra o *partido francês* a quem atribuem a culpa das atrocidades do exército de Luis XIV era tal que o tribunal, composto de orangistas exaltados, se decidiu, para satisfazer ao cego odio da multidão... se decidiu... a submeter vosso irmão à tortura, para lhe arrancar a confissão do seu crime... E esta atrocidade foi cometida!!

— Meu Deus! exclamou João de Witt erguendo as mãos e os olhos ao céu. Que horrorosa noticia!...

Serdan, Salaun Lebrenn e o filho não puderam conter um grito de horror e indignação.

— Mas meu irmão, exclamou ainda João de Witt, morre, de certo, em consequência dessa tortura!...

— A-pesar dos tormentos que sofreu, a sua vida está salva! Posso afigurar-volo.

— Infames! disse com voz sufocada o grande pensionário da Holanda. Imaginaram que a tortura arrancaria a um Witt a confissão de um crime que não cometeu! Meu irmão deve ter sofrido a tortura com heróica serenidade... Acabei a vossa narração, meu amigo, que eu sinto me com forças para vos ouvir.

Estes foram-me factos contados pelo escrivão que assistiu àquella horrivel scena. Amarraram Cornelio so-



PULVERIZANDO ERROS

A moral humana é superior aos preconceitos morais engendrados pelas religiões

E hoje evidente que a moral existe independentemente das ideias religiosas.—Guizot.

Duas novas objecções se fazem, mutuamente, os dois sistemas educativos.

1.ª Pode, porventura, a moral existir independentemente da religião?

2.ª Pode a moral laica produzir todos os seus efeitos, fundada unicamente sobre o critério da Razão?

A primeira objecção, já prevenida pelo espírito conservador de Guizot, responde Luis Havet:

«Não só a moral pode existir independentemente da religião, como até não poderá desenvolver-se sem que a religião dela se afaste».

E também o pensamento de Mirbeau quando afirma que nunca as religiões fundaram uma moral. Pelo contrário: são elas que a dificultam, a retardam e avariam.

Elles ont même fondé le contraire d'une morale, puisque, toutes, elles reposent sur un mensonge et sur un échantage.

O cristianismo tem, neste ponto, maior responsabilidade que qualquer das outras religiões militantes.

As suas indulgências à hora da morte e, especialmente, as generosidades e larguezas para com aqueles que, sendo poderosos e abonados, podem comprar os bons lugares no Paraíso, ultrapassam tudo quanto se possa imaginar, em matéria de remissão de culpas.

O cristão mais relapso, o devoto mais indigento, o mais criminoso e depravado dos homens pode morrer como um anjo, puro de toda a mácula, desde que, na hora última, se arrependa dos crimes que durante a vida praticou, ainda os mais monstruosos e infames.

Ora uma tal doutrina traz como consequência a prática de todas as abominações, uma vez que, à hora da morte, podemos facilmente apagar-las, pela simples declaração, perante um sacerdote; de que nos arrependemos, abominando os actos que posamos ter desagradado a Deus.

Foi por isso, de certo, que o citado escritor, Mirbeau, afirmou que *tant qu'il y aura des dieux sur la terre, il n'y aura pas de morale*.

E não haverá moral por que a resignação dos místicos—à pior das indiferenças—à isso tende sempre a opor-se.

Com efeito, a questão social, para eles, reduz-se a muito pouco.

Assim, vemos que desprezam as injustiças dos homens porque esperam na justiça divina, julgando-se igualmente dispensados de, com o seu esforço, contribuir para reformar e melhorar as coisas deste mundo.

Acreditando no milagre e nas atenções especiais que Deus reserva a quem ele quer, e só a esses, aguardam, resignados, que o relógio do tempo seia a hora dos divinos auxílios que os há de erguer muito acima das misérias terrenas.

Com razão, pois, o famoso agiografo de São Francisco de Assis, Paul Sabatier, concluiu o seu trabalho fazendo avultar o significado deprimente, para a raça, das intervenções divinas: *Le miracle est immoral*.

A nossa moral, dizem os confessionais de todas as religiões, é absoluta, imutável e eterna, como o Deus que no-la transmitiu e inspirou.

Este novo argumento não resiste à lógica mais simples, à análise mais rudimentar.

Se, em verdade, a moral deista é absoluta, imutável e eterna como os deuses que a inspiraram, não há nada mais transitório e contingente.

Se até o Deus dos católicos, o mais imutável, talvez, de quantos a inteligência humana concebeu, não tem cessado de sofrer continuas mutações...

Basta, para isso, collocarmos o Deus de Abraão e de Moisés em frente ao de São Francisco de Assis ou de Tolstoi.

Que radical transformação!

E, como este, todos os deuses imortais: desaparecem uns, absorvem-se outros e transformam-se todos.

O que, porém, não muda nunca, ou muda pouco, é o processo para os impor à credulidade pública.

Ora, acontecendo assim a todos e a cada um dos deuses inspiradores da moral confessional, devemos com justiça concluir que esta não é nem universal, nem absoluta, e muito menos eterna. Pelo contrário: está sempre sujeita às contingências do tempo e do Homem.

E certo que a moral, baseada sobre o absoluto, ou melhor, unida pela divina intervenção de agentes sobrenaturais, torna melhor o vulgar.

A nossa, com os seus atributos exclusivamente naturais e humanos, não oferece nada que se compare às singulares compensações que aquela promete aos seus adeptos.

Nos domínios da Razão não há, como nos do Todo-o-Poderoso, anjos e serafins, dotados de infinitos encantos, que eternamente se destinam a deliciar as almas dos bemaventurados.

A visão intuitiva de Deus, esse dom inefável, esse infinito gozo que nenhuma criatura pode sequer imaginar, é motivo bastante para chamar a si a quasi totalidade dos mortais.

Mas não é só Deus que os atrai: são também as virgens e os santos que, depois de terem alumado a terra com a graça puríssima dos seus encantos e virtudes, passeiam pelo céu, onde deslumbra as próprias divindades, à espera das almas que deste mundo vão subindo, fôreados pelo crivo dessa velha moral de nossos pais.

Ora, no campo, todo mundano e contingente, na Razão, coisa alguma há, repito, que possa reduzir e encantar dessa maneira.

A Razão não promete nem garante como prêmio à virtude, a não ser a consideração dos demais virtuosos, além desse sossego de alma e dessa paz que resultam duma vida justa e sã, na permanente função do dever, que obriga sempre.

E muitas vezes nem isso. Pois não foi Catão, esse grande, virtuoso romano que afirmou ser a virtude uma palavra vã?

E porque? Porque as suas virtudes o não isentaram dos maiores sofrimentos físicos nem das mais extraordinárias agonias morais.

Mas, como sempre, o tempo fez justiça

sendo a virtude de Catão proclamada acima da de César.

O contrário do que sucedeu a esse velho amigo dos cristãos, o organizador e primeiro assistente do concílio de Niceia, Constantino, a quem a Igreja discerniu o primeiro prêmio em virtude. Quantos louvores e quantas homenagens, que muitas vezes chegaram a ser verdadeira teosofia, a Igreja lhes prestou!

Pois bem: o tempo corre e a História, registando o activo e o passivo de cada homem público, amarrando-o à coluna infamante onde, perpétuamente, os monstros, como ele, serão julgados.

Todavia, segundo a moral cristã, ele teve de Deus a maior das recompensas, qual seja a subida ao Paraíso, visto ter recebido, ao morrer, o sacramento do baptismo e com ele a absolvição de todos os seus crimes.

O que faria, neste caso, a moral baseada na Razão? A cada um segundo as suas virtudes. E ele, que foi a negação do Amor e da Virtude, teria o seu lugar entre aqueles scelerados para quem a eterna maldição dos homens não é ainda punição suficiente.

Nestes dois exemplos, de todo o mundo conhecidos, se mostra claramente a diferença que vai da moral religiosa à moral laica.

Deles se depreende e quanto a segunda é mais exigente. Esta não tem, como a primeira, dois critérios diferentes na sua sanção. Por isso com ela só convém aqueles que, na vida, de corpo limpo e alma sã, seguem a via estreita do sacrificio e da virtude—sem a ambição das grandes recompensas, como na moral cristã.

Moral confusa e dúplice, muitas vezes. Assim, quando São Domingos, à frente da legião dos seus fanáticos, realizava as pregações e os massacres contra os albigenses, diz, unânime, a Igreja católica, que praticavam a virtude, pois combatiam contra o erro—segundo o seu ponto de vista.

Mas quando os turcos da Palestina e da Arménia, igualmente fanatizados, massacravam os cristãos, embora com menos violência, o que faziam eles senão combater o erro—também segundo o seu ponto de vista? Logo, praticavam a virtude.

Este critério absurdo, que resalta da aplicação da moral religiosa à vida prática, não tem lugar na moral laica—onde o critério é o mesmo para todos, em todos os lugares e em todas as idades.

O que ela afirma hoje, pela voz das consciências livres, já, nas suas linhas gerais, as antigas consciências o afirmavam.

Epicuro falou, muitas vezes, a linguagem clara da verdade, pelo que nunca mais deixou de ter adeptos.

Com ela fez Lucrécio o seu poema e dela tiraram os filósofos gregos e romanos o melhor e mais perdurável da sua filosofia. Dizla Séneca, já em pleno avanço do cristianismo: «Admiro os estoicos acima de todos os outros; mas em todas as coisas há que admirar: Platão e Epicuro dizem muitas vezes a verdade. Tudo o que é verdadeiro me pertence».

No seu tratado sobre a *Vida Feliz* sempre tão lido e tão admirado, encontramos defendido o ponto de vista laico. Falando da virtude, afirma—que embora ela procure o prazer, não é por isso que se é virtuoso.

«Não é apenas o prazer que ela acarreta, por quanto esse prazer vem a mais—não se conta com ele. Com o campo lavrado para a seara as flores vão nascendo aqui e ali, sem que o agricultor tenha sido para obter que tanto trabalho se dispenseu—outro era o objectivo do semeador: a flor veio por acréscimo—assim, também, o prazer não é nem o salário nem o móbil da virtude, mas o seu acessório. Não é porque ela nos dá prazer que nós a amamos. Pelo contrário: é porque se ama que ela nos dá prazer».

Estas palavras do filósofo pagão devem ter, para os confessionais, um excepcional valor, dado o prestigio que as suas doutrinas encontraram, momentaneamente entre os cristãos dos primeiros séculos, chegando alguns doutores da Igreja, como Santo Agostinho e São Jerónimo, a considerá-lo um correligionário, um precursor.

Seneca saepe noster, disse claramente Tertuliano.

E esse conceito ainda hoje se mantém. Assim, pois, devemos concluir que, muitas vezes, a própria Igreja concordou com os princípios que vimos defendendo—A moral, que precedeu as religiões, pode e deve subsistir independentemente de qualquer delas, que só embaraçam e comprometem a sua alta função educativa, qual seja a de irmanar todos os povos na maior tolerância e perfeição.

INSTRUÇÃO

O ministro da Instrução concedeu o prazo de quatro dias aos candidatos que concorram a professores provisórios dos liceus para entrega de documentos que lhes faltem, mantendo, porém, o prazo legal para a entrega dos requerimentos.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Associação de Classe dos Operários da Indústria Têxtil.—Dr. Sobral de Campos segue no dia 27, para audiência.

Tecelões de Castanheira de Pera.—Sobre vossa causa vamos officiar para a Federação Têxtil e esta os informará.

Soldadores de Olhão.—Informam que a procuração está junta ao processo. Quanto aos que traíram o movimento tratem com vossa Federação. Segue officio.

Federações

Metalúrgica

União dos Sindicatos de Faro.—Segue officio e ficamos aguardando resposta.

Comité de P. no Norte.—Idem.

A todos os Sindicatos Metalúrgicos.—Seguem circulares sobre crise de trabalho. Respondam rapidamente.

ABUSANDO DOS FIEIS...

Uma povoação, próxima de Lamego, excomungada pelo bispo

LAMEGO, 17.—Vamos com imparcialidade relatar um caso que teve como teatro uma freguesia circunvizinha desta cidade, freguesia esta que é muito trabalhadora, pacata e respeitosa.

A freguesia em questão é Vila Nova de Souto de El-Rei e os protagonistas do caso são: a população da referida freguesia e o seu pároco António dos Santos Coelho, criatura esta que já tem tido mais questões com os seus paroquianos, devido ao seu rabujento feitio de padre.

Sem comentários passamos a descrever o sucedido, para o que estamos devidamente informados por pessoas idóneas e insuspeitas neste caso.

E' costume velho nesta freguesia realizarem-se festas ao popular São João e para dar execução a este costume a que o povo está arreigado, a comissão incumbida disso organizou um programa que constava do seguinte: dia 23, ao fim da tarde, procissão da capela de São João para a igreja matriz acompanhada do andar do mesmo santo; à noite, iluminação, música, fogo, etc.; dia 24: missa e mais festas de igreja e duas procissões, uma delas com o fim de pôr o santo na sua competente capela.

Avistou-se a comissão com o pároco para lhe dar conhecimento do programa das festas. Concorde o padre com o programa, excepto com o arraial noturno, pelo que apresentou a seguinte explicação: «as festas que não sejam de igreja, são festas do diabo» (sic). A comissão não se conformou com a opinião do reitor e disse-lhe que faziam o arraial, pois em todas as festas se faziam, com o que ele não ficou com isto satisfeito.

Para dar cumprimento ao programa dirigiu-se no dia 23, pelas 19.30 horas, para a capela de São João, onde se encontrou com o armador e mais pessoas, às quais disse: «enquanto não chega a música e mais povo, vão retirando os andores da capela para o adro», o que eles fizeram.

Decorridos dez minutos, chegaram também vários rapazes com as alfaias religiosas para a procissão, aos quais se dirigiu o reitor, perguntando-lhes se a música e mais povo já vinham, ao que eles responderam: «a música chegou agora a casa de António Pinheiro para beberem uma pinga de vinho que ele tinha oferecido, mas que vinham já, sem demora». Resposta do padre: «está bem; é isso mesmo que eu quis ouvir. Então em lugar de irem já para a procissão, vão-se embriagar primeiro».

Dito isto, aproveitando-se desta demora, ruminou vingança e, com a face rubra e colérica de ódio, retirou-se.

No caminho para sua casa encontrou-se com mais gente a qual lhe perguntou se ele já se ia embora ao que o padre retorquiu: «vou porque não estou para esperar mais e porque já é tarde». Instaram com ele essas pessoas para que voltasse para a capela.

Enquanto se passava este diálogo, ia a música e o povo por outro caminho que também tem acesso à capela, e quando chegaram viram os andores na rua, sendo informados de que o reitor se tinha retirado.

Ficaram indecisos perante o caso sucedido, mas alguém mais resolutivo resolveu logo: vamos indo até à entrada da povoação com os andores, enquanto outros vão falar e convencer o reitor para que nos espere na povoação a fim de se incorporar no cortejo até à igreja. Porém, a comissão que foi falar com o padre nada conseguiu, antes pelo contrário, foi mais maltratada. Em virtude disso retirou-se a comissão que veio já encontrar o cortejo no meio do povoado, como já iam muito perto da igreja matriz, resolveram continuar a procissão até ao seu termo. Depois de recolher a procissão, foi recebido comunicado do reitor que não fazia a festa de igreja sem primeiro consultar o bispo.

Concorde o povo com isto e resolveu mandar também um delegado seu ao que o reitor anuiu. Porém, recendo ficar desmascarado perante o bispo fugiu correndo pela madrugada do dia 24, para assim poder à vontade contar sosinho e ao seu paladar o sucedido ao bispo.

Pela manhã regressou a freguesia e comunicou que, em virtude da resolução do bispo, não se realizava a festa. O povo resolveu reagir e não deixar espelhar-se por uma criatura tão repulente e nojenta. Os ânimos exaltaram-se ao rubro, e com razão, pois tinham sido maltratados por uma pessoa que sempre foi tratada com todo o respeito. Para sanar este conflito foi nomeada uma comissão para se entender com o bispo, a qual não pôde desempenhar-se da missão porque não encontrou o bispo na cidade, contudo ainda foi um membro da referida comissão à Régua para ver se o encontrava na gare, pois ele seguia no comboio para o Porto. Na Régua ainda pôde entrevistá-lo, prometendo o bispo atender à freguesia vexada.

Estão ainda à espera que o bispo tome uma resolução, mas este figurado nada procede em favor dos ofendidos, mas até se pôz incondicionalmente ao lado do malandrim do padre.

Muito se teria a dizer dos estófos morais destas duas repulentes e peçonhentas criaturas, mas só nos limitamos a dizer que foi bom dar-se este caso para o povo ir começando a conhecer os padres, bispos e mais sequezes.

Tem agora uma boa ocasião para dar o pontapé final nos membros da seita negra.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Chauffeurs do Norte de Portugal

Passa hoje o 16.º aniversário a Associação de Classe dos Chauffeurs do Norte de Portugal. E' um sindicato que tem tido na sua história algumas fases que tem honrado o movimento operário.

Ultimamente, devido à dedicação de camaradas como Manuel Claro e António Coelho está a caminho de uma fase de nova actividade.

Enviamos-lhe no dia do seu aniversário as nossas melhores saudações.

NAS OFICINAS DA C. P.

Os contratos de trabalho —A situação moral do pessoal—A sua defesa

Antes de entrarmos na explanação dos factos extremamente absurdos e violentos, que se cometem dia a dia nas oficinas de Santa Apolónia, necessário se torna esclarecer em que base—sôfisticamente engendrada—se apoia a Companhia para assim proceder, o que indigna ainda mais toda a gente. Salvaguardada num *contrato de trabalho* que impôs aos ferroviários depois de terminado o movimento grevista de 1920 e que estes, vencidos, acceitaram, e, anteagando o sofrimento das suas vítimas, ao contrário de outro qualquer vencedor de coraço, que saíra ser generoso, vai exercendo lentamente para que a expressão de revolta não seja fácil, toda a série de vinganças que o reaccionarismo dos seus dirigentes é capaz de arquitetar.

Por esse *contrato* se infere a premeditação desta empresa, a fim de assegurar a sua onnipotência, o seu domínio... O *contrato* dá à Companhia o direito absoluto, sem reserva alguma, em despedir sempre que queira e imediatamente, todo o operário que não convenha ao seu serviço, estipulando, porém, para este, que voluntariamente queira deixar definitivamente o mesmo, o dever de participar com o prazo de 8 dias de antecedência, sob pena, se o não fizer, de ser prejudicado de qualquer forma na liquidação dos vencimentos que ainda tenha a perceber. Até neste ponto há desigualdade, mas como tudo está jesuiticamente previsto, toca a atirar à margem os que não caem na simpatia dos engenheiros ou que possuem a ombridade suficiente para se não deixarem espelhar.

Uma coisa resguardaria o pessoal das arremetidas dos seus verdugos. Era uma forte organização sindical, mas infelizmente tal facto se não verifica por muitos motivos, que escusamos de salientar neste momento; organização que enfrentaria essa situação de todas as maneiras, desde a solidariedade moral e monetária aos atingidos, até à formação duma forte corrente de opinião e solidariedade que resistisse e até mesmo não permitisse, os gestos verdadeiramente desumanos ali cometidos.

E' a falta dessa organização que dá alento aos inimigos. Os ferroviários das oficinas da Companhia Portuguesa não-veem a compreender esta verdade e que só unidos e fortemente ligados no seu organismo sindical, como outrora estiveram, poderão evitar as cenas degradantes a que assistem, sem se revoltarem, e que vão ferir os seus camaradas de trabalho. Mas, se os referidos operários se encontram moralmente abatidos, devido à sua especial situação, também se não verifica uma rápida e indispensável acção a evitar os factos apontados, por parte do respectivo Sindicato, nem o apoio merecido aos mesmos, o que é de veras lamentável.

O seu descontentamento, que terá de desaparecer para dar lugar exactamente à defesa da sua dignidade, quasi todos os dias ultrajada com uma ou duas demissões, é aumentado com o facto de terem sido retiradas todas as regalias que o restante pessoal disfruta, após a citada greve, ficando por isso mesmo numa situação moral diferente.

Essa situação terá que mudar por muito que custe aos seus causadores. Basta para isso que cada um dos atingidos comece por compenetrar-se que tanto sofrerá se se conservar no silêncio como dedicando-se à organização, apetrechando-se com as fortes armas da *União e Solidariedade* na defesa dos seus direitos menosprezados, ofendidos até. E dessa forma terá ficado com a consciência tranquila de ter cumprido um dever. A questão é de método, estudem-no e ponham-no em execução. O resto irá com o tempo e os vossos direitos começarão a ser respeitados.

Posta assim rapidamente a situação moral dos operários de Santa Apolónia, para melhor se avaliar da extensão dos castigos aplicados nas aludidas oficinas, traçaremos nos artigos seguintes os casos mais eloquentes da opressão exaltada dos engenheiros que as dirigem, especialmente do já célebre engenheiro Sequeira, que durante os seis anos talvez que está à sua frente, o seu principal cuidado é ferir a dignidade dos que estão sob suas ordens, num amesquinhaento aviltante, só próprio dum cérebro epilético que precise duma aturada e profunda análise e correspondente repouso, o que equivaleria a ser retirado do cargo que ocupa, visto que os gritos das companheiras e filhos dos velhos ferroviários demitidos ou suspensos, não conseguem nem sequer comovê-lo.

Uma injustiça na cooperativa "A Social"

Procuraram-nos alguns operários da Cooperativa de Chapelheiros "A Social" para nos contar factos graves que merecem ser ponderados pelos respectivos sócios.

Na sexta-feira próxima passada a assembleia geral da mesma cooperativa confirmou o despedimento feito há cerca de quatro semanas de dezotto operários, sócios da mesma colectividade, que trabalhavam na fábrica da rua Guilherme Braga, a pretexto de que essa fábrica não dava lucros.

Os queixosos consideram esse despedimento uma arbitrariedade que não pode nem deve ser mantida, já porque todos são sócios, excepto dois, já porque a referida fábrica não dava prejuizo conforme se verifica pelas respectivas contas. Assim, em 1921, 1922 e 1923, os lucros foram respectivamente de 4.510\$20, 9.916\$77 e 20.665\$20.

Dá-se ainda a estranha circunstância do gerente da fábrica, que se alega dar prejuizo, se propõe comprá-la. Será para perder dinheiro?

Para-nos que se trata de uma flagrante injustiça, tanto maior quanto é certo não existir neste momento lugar onde empregue esses desoitto chefes de família, visto que a crise de trabalho é quasi geral do norte ao sul do país.

Estamos certos de que os sócios da cooperativa irão ponderar o caso que é extremamente grave e que a ficar como se pretende reveste o aspecto de uma immoralidade.

Lê-se o Suplemento de "A Batalha"

UM CASO ESTRANHO

Um pobre rapaz que enlouqueceu devido a uma sova que apanhou no palácio Fronteira

Está internado em Rilhafoles Manuel da Silva Martins, um pobre rapaz de 17 anos. Os motivos que o levaram a esse estado, segundo as nossas informações, não é inteiramente desesperado, visto as melhoras que tem conseguido ultimamente permitirem fundamentadas esperanças sobre a sua cura—merecem ser contados:

Manuel da Silva Martins era um rapaz bem comportado, trabalhando assiduamente na sua oficina e entregando pontualmente a fôrça a sua mãe, que reside ali para a rua José Estevão.

Era, porém, fraco de vontade e, por isso fácil de ser dominado por qualquer indivíduo sem escrúpulos que o arrastasse para maus caminhos. Esse indivíduo aparece desgraçadamente ao pobre rapaz: trata-se de António de Assunção, conhecido pela significativa alcunha de «Boca negra». Este indivíduo, que tem um cadastro vergonhoso, vive dos piores expedientes, sem trabalhar.

Foi ele quem arrancou ao convívio de sua mãe o pobre Manuel da Silva Martins e, aproveitando-se da ignorância do rapaz e da sua timidez, manejou-o à sua vontade. O tal «Boca negra» costuma viver à custa de indivíduos duma vinda degenerescência sexual. E o Martins, enviado por ele, ia exigir dinheiro que entregava ao «Boca negra». No mês de maio, foi a casa do padre José Ferreira, que reside no palácio Fronteira pertencente ao sr. D. José de Noronha. O Martins procurou, para saber a morada do padre acima referido, o prior de Bemfica, que o recebeu muito bem, «beijando-o» e entregando-lhe 60 escudos.

O padre José Ferreira mandou-o receber no palácio onde reside, mas uma vez ali surgiu diante do Martins um grupo de homens que o agrediu violentamente. O rapaz apareceu na manhã do dia seguinte em casa de sua mãe bastante alterado mentalmente, devido à sova que apanhou e ao terror que esse facto produziu no seu espírito de adolescente tímido. De então em diante começou a cometer verdadeiros disparates. E na tarde desse dia era preso por ter agredido uma metrez que o insultara na rua Marques da Silva. Conduzido ao Oitavo Civil teve lá grandes acessos de loucura, pelo que o internaram em Rilhafoles.

O caso foi entregue à policia de investigação, sendo lá chamado o «Boca negro» que defendeu calorosamente o padre José Ferreira e este último que negou a sova que o rapaz apanhou no palácio Fronteira. Tudo isto na policia de investigação ficou suspenso, não nos admirando, porém, que tudo tenha ficado impune. Sabe-se perfeitamente que há influências que actuam fortemente sobre muitos policas da investigação e lhe paralisam a sua vontade.

Os leitores que concluem de tudo isto a moralidade e a impunidade que são apanagem de certos ministros da fé.

CRISE DE TRABALHO

Operários da Construção Civil

A comissão delegada do Sindicato da Construção Civil continuou ontem as negociações para a colocação dos operários das obras do Congresso da República, assim como para a colocação nas outras obras dos Edifícios Públicos. A comissão deve entrevistar hoje o administrador, esperando que a conferência tenha o resultado favorável. A comissão avistará-se, também, com o Director dos Edifícios Públicos para o mesmo assunto.

Nota officiosa da Federação Metalúrgica

Reünio-se o Conselho da Federação Metalúrgica ocupando-se da situação em que o operariado se encontra. Verificou que depois do movimento de 28 de Maio essa situação, longe de melhorar, piorou.

As escassas regalias que possuía estão umas ameaçadas outras perdidas, como a liberdade de pensamento, de imprensa e de reunião. A crise de trabalho agravou-se, encontrando-se inúmeras famílias na miséria, o que bastante contribui para a desmoralização das famílias.

Estamos na iminência de um regime de espada e cruz que poderá ferir mortalmente a Organização Operária e todos os homens livres que aspirem a melhores dias para a humanidade.

O estado de sítio ilimitado, a protecção à religião católica, o encerramento das escolas primárias superiores mostram bem quais são as intenções dos homens da nova situação.

As castas parasitárias do Comércio, Indústria e Finança inspiram a espada e a cruz.

Em face desta situação e atendendo à doutrina expressa na circular n.º 58 da C. G. T., a Federação Metalúrgica convita todos os organismos da industria aderentes e não aderentes a defenderem denodadamente todas as reivindicações operárias e liberdades públicas por todos os meios ao seu alcance. Pede ainda aos Sindicatos a informem do seu actual estado de vitalidade na presente situação.

A Federação Metalúrgica

Reclamações do Pessoal de Fardamentos

A comissão do Pessoal Assalariado do Depósito Central de Fardamentos, foi ontem recebida pelo presidente do ministério e ministro da Guerra, a quem apresentou uma petição sobre o projecto de reforma, para que seja convertido em lei, visto ter já o parecer das comissões respectivas; e bem assim uma outra petição para que seja anulado o Decreto 11.435.

A mesma comissão recebeu pelo sr. ministro da Guerra, obteve a promessa de que se atenderiam as reclamações dentro da justiça que lhes cabe.

Vida Sindical

C. G. T. Conselho Confederal
Para continuação dos trabalhos reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

C. S. T. Conselho Geral
Reúne-se hoje, pelas 21 horas, para prosseguimento dos trabalhos.

COMUNICAÇÕES
Sindicato Unico Metalúrgico.—Reuniu na passada quinta-feira a comissão administrativa que apreciou o seguinte expediente: officio de Abílio Jaime Barreiro, que foi tomado em consideração; circular da C. G. T. acerca de Sacco e Vanzetti, sendo resolvido que baixasse a apreciação da assembleia geral; officio da Universidade Nacional de Instrução e Educação, remetendo vinte bilhetes em seu auxilio, sendo resolvido, atendendo ao fim benemérito a que se destina, que o sindicato ficasse com eles; officio do Instituto de Seguros Sociais pedindo uma estatística acerca do número de desempregados, sendo resolvido comunicar-lhe que esse assunto está entregue à Federação Metalúrgica. Apreciou um pedido de Fernando Botas, acerca duma comunicação da Comissão Administrativa inserta na *Batalha*, sendo resolvido publicamente dizer que esse camarada entregou as suas contas certas como cobrador da área de Alfama e se foi demittido foi porque se desleixou.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:
Federação Mobiliária.—A's 21 horas, a comissão administrativa para assuntos de importância.

Sindicato Unico Mobiliário.—Pelas 21 horas, os corpos gerentes.

Manufactureiros de Calçado.—Pelas 21 horas a comissão administrativa.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Pelas 20.30 horas, a assembleia geral para continuação da seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Apreciação do officio dos delegados à C